



## REFLEXÕES SOBRE A *PERFORMANCE* DO CONTADOR DE HISTÓRIAS

Valéria Santos da Silva<sup>1</sup>  
Renata Junqueira de Souza<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo trata de um recorte da pesquisa que originou a dissertação de mestrado intitulada “A Hora do Conto no Cotidiano Escolar: reflexões sobre o ler e o contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais” vinculada à linha “Infância e Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/Unesp, campus de Presidente Prudente. Neste artigo procuramos trazer à baila, reflexões e diálogos que envolvem o conceito de *performance* amplamente abordado por teóricos, como Paul Zumthor (2000). As discussões evidenciam como a *performance* contribui para a narração de histórias, em especial, para a prática realizada em ambiente escolar pelos professores das séries iniciais, nos momentos de Hora do Conto. Como base para nossos apontamentos e argumentos, trazemos no *corpus* do texto, trechos das observações realizadas com uma das professoras participantes da pesquisa e que comprova que quando há uma identificação com o texto a ser narrado, a utilização de técnicas apropriadas de contação de histórias e planejamento anterior, a *performances* e torna marcante, estabelecendo vínculo positivo com os ouvintes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narração de Histórias. Performance. Contadores de Histórias. Ambiente escolar. Séries Iniciais.

**ABSTRACT:** This article is part of a research that originated the master’s thesis titled “The Story Time in School Daily Life: reflections on reading and performing in the routine of two teachers from primary grades” linked to the line “Childhood and Education” from the postgraduate program in Education of FCT / Unesp, in Presidente Prudente. In this article we seek to bring to reflections and dialogues that involve the concept of performance widely approached by theorists, such as Paul Zumthor (2000). The discussions reflect how the performance contribute to the narration of stories, especially, to the practice that happen in environment of school with teachers from primary grades, in the moments of Story Time. As a basis for our notes and arguments, we have included in the corpus of the text, excerpts from the observations made with one of the participating teachers, which show that when there is an identification with the text to be narrated, the use of appropriate storytelling and previous planning, the performance becomes remarkable, establishing a positive bond with the listeners.

**KEYWORDS:** Storytelling. Performance. Story Tellers. School environment. Primary grades.

## PARA COMEÇAR A HISTÓRIA

Dizem que certa vez, um rei<sup>3</sup>, muito vaidoso e autoritário, descobriu que seus súditos e conselheiros não prestavam mais atenção em seus decretos e mandatos. Suas ordens não transmitiam mais credibilidade e muito do que dizia entrava por um ouvido e saía pelo outro. Entristecido, o monarca por mais que tentasse estabelecer vínculo e manter sua autoridade perante aos seus subordinados, tornava-se a cada dia, mais e mais transparente aos olhos deles, como se praticamente não existisse. A população preferia mil vezes, dedicar horas do seu dia a escutar as narrativas maravilhosas dos diversos contadores de histórias que viviam espalhados em feiras, mercados e praças do reino.

O tempo dedicado a tais narradores por seus vassallos tornou-se motivo de curiosidade e até mesmo de indignação do rei que no caso, desejava saber a todo custo, o segredo da oratória de tais contadores. Como poderia cidadãos comuns, sem nenhum título de nobreza serem mais importantes do que a própria majestade?

Assim, como quem não quer nada, convidou os ilustres narradores para um encontro amistoso em seu palácio. Dessa forma, o rei que não era bobo pretendia, com a astúcia que lhe era peculiar, conhecer as artimanhas e estratégias utilizadas por eles e depois, de posse de tal conhecimento aniquilar um por um, tornando-se enfim, o único contador de histórias do reino. O monarca era muito competitivo e não queria concorrência.

Mas quais as qualidades de um bom contador de histórias? – Perguntou o destemido rei.

Para sua surpresa, a resposta não foi tão sucinta quanto imaginava. Na verdade não se chegou a um consenso do que seriam tais qualidades. Dos que estavam presentes, muitos foram os pontos de vista. Uns diziam que o segredo de um bom narrador consistia na linguagem utilizada, já outros, afirmavam que seria a experiência e ainda houve aqueles que foram unânimes em dizer que era a imaginação. Enfurecido e indignado, o rei não podia crer no que acabara de ouvir. Precisava de uma resposta concreta e urgente.

Desse modo ordenou a todos os contadores participantes do encontro que se dedicassem a escrever artigos sobre as qualidades de um bom contador de histórias. Como desculpa, salientou que era muito ocupado e não tinha tempo para ficar lendo e estudando. E assim foi feito.

Cinco anos se passaram e os contadores retornaram ao palácio trazendo na bagagem um livro bastante pesado de tudo o que haviam recolhido em suas andanças sobre a arte de contar histórias. Porém, quando a majestade se deu conta do que teria

que ler, ficou novamente enfurecido, ordenando aos contadores que resumissem todo aquele calhamaço de papel em uma única folha, com o essencial daquelas informações. E lá se foram os narradores resumirem todas as anotações contidas no livro em uma única folha de papel.

Foram mais alguns anos de dedicação até que tudo ficasse pronto. Quando finalmente o trabalho se findou, o rei quis agradecer um por um e lhes dar um prêmio honroso por tão valorosa contribuição. Porém, o regalo nada mais era que um presente de grego, pois quando atravessavam a porta de saída, o carrasco esperava os narradores para aplicar o golpe final, mandando-os para o descanso eterno.

Quando finalmente ficou sozinho e depois de executar a todos friamente, era chegada a hora de conhecer o tão misterioso segredo. Com as mãos ainda trêmulas, o rei, mal podia conter a emoção. Abriu o papel preparado para ele e, para sua surpresa, continha uma única frase:

“O bom contador de histórias é aquele cujas narrativas são lembradas muitos anos depois que seu próprio nome já tenha sido esquecido”.

#### DE QUE SÃO FEITOS OS CONTADORES DE HISTÓRIAS?

A narrativa da tradição oral, utilizada para dar início a esse artigo, circula há muito tempo entre os mais diversos contadores de histórias do mundo e serve para ilustrar algumas situações encontradas por quem, de alguma forma, aventura-se pelos caminhos da arte de contar histórias. Muitas são as questões e inquietações que envolvem o ato de narrar e, assim como no conto, não se sabe ao certo quais seriam as características e qualidades que fazem de um indivíduo, um bom contador de histórias.

Em nossas andanças por cursos e oficinas de formação no qual ministrávamos, constatamos inúmeras vezes, na fala dos docentes participantes, certa dose de insegurança em relação ao ato de narrar histórias. Muitos não sabiam ao certo o que fazer nesses momentos e em sua maioria valiam-se de sua intuição, do que haviam lido sobre o assunto ou até mesmo do que haviam aprendido em sua trajetória profissional. Além disso, alguns acreditavam que as características de um bom contador de histórias já nascem com o indivíduo, sendo necessário possuir um “dom”, habilidades específicas para o sucesso da prática. E ainda, segundo os educadores, quem não possuía tal “dom” teria que se esforçar um pouco mais, “correr atrás”, ou seja, estudar, fazer cursos e ler livros específicos.

Concordamos que para se tornar um bom narrador seja necessário muito estudo e dedicação, entretanto, isso nada tem haver com a questão de possuir ou não

um “dom” específico. É claro que há pessoas que têm mais habilidades que outras para desenvolver determinada tarefa, o que é muito bom, não queremos aqui tirar o mérito da questão, contudo o “dom” por si só, não determina que essa pessoa seja melhor contadora que a outra ou que a narração será mais bem-sucedida que outrem.

O fato é que todos nós podemos narrar. Fazemos isto o tempo todo. Quem nunca relatou algum acontecimento ou situação tendo como ouvinte algum parente ou desconhecido?

Cabe destacar que, não há uma forma ou receita única de como se deva narrar um conto, cada contador é livre para escolher aquela que se adeque melhor ao seu estilo, “[...] não existe um único jeito de ser um bom contador de histórias. Cada um de nós tem seu estilo pessoal, em termos de histórias que escolhe e da maneira de contá-las” (SISTO, 2001, p. 145). Ademais, “[...] é possível ajudar os contadores dando retorno sobre o que funciona e o que não funciona na narração, mas essencialmente o contador principiante deveria ser auxiliado a desenvolver uma ‘voz’ individual, seu modo de contar histórias” (SISTO, 2001, p. 145).

No conto utilizado como base para a reflexão deste artigo, podemos pensar no conceito de *performance* que o narrador utiliza para conduzir seus enredos. Não é novidade que, enquanto transmite as histórias, os mais diversos contadores emprestam sua voz, seu corpo e até mesmo seus afetos às narrativas, tornando as situações propostas pela trama significativas a quem a escuta, fazendo seus ouvintes enxergarem nas entrelinhas, ou seja, visualizarem o que está por trás dos fatos.

No que diz respeito à *performance* e Zumthor (2000, p. 34) afirma que ela “está fortemente marcada por sua prática [...] a *performance* é sempre constitutiva da forma”.

Em outros termos, *performance* implica competência. Mas o que é aqui a competência? À primeira vista, aparece como *savoir-faire*. Na *performance*, eu diria que ela é saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas, espaço-temporais e físiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo. (ZUMTHOR, 2000, p. 35-36).

Valendo-se da *performance* e de todas as características que a regem, no caso, o gestual, a voz, a expressão corporal, a escolha de um bom repertório e de técnicas pertinentes, o contador transmite as histórias, encantando e possibilitando que elas sejam apreciadas pelos ouvintes. Entretanto, somente o vínculo afetivo, estabelecido entre narrador e público permite que a narração seja feita e contemplada em sua totalidade.

A performance e o conhecimento daquilo que se transmite estão ligados, naquilo que a natureza da performance afeta o que é conhecido. A performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca. (ZUMTHOR, 2000, p. 35-36).

Mas como estabelecer tal vínculo com os ouvintes? O que fazer para que a presença do contador de histórias se torne marcante, a ponto de a narrativa e a própria *performance* ser lembrada por muitos e muitos anos.

Em primeiro lugar, não é tarefa fácil responder esta questão e, em segundo, é bem verdade que assim como o rei do conto que deu início as nossas reflexões, temos a necessidade de ser ouvidos e compreendidos. Desejamos que, no momento em que falamos ou transmitimos algo, o nosso interlocutor nos escute e entenda com exatidão aquilo que queremos comunicar, sem que nos tornemos transparentes aos seus olhos.

No artigo intitulado *Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura*, presente no livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo* (2000) de Marisa Lajolo, a autora traz à baila um trecho da obra de Monteiro Lobato escrita em 1957, *Dom Quixote das crianças*. No fragmento escolhido, Dona Benta realiza uma leitura em voz alta para o pessoal do *Sítio do Picapau Amarelo* o clássico de Cervantes em seu formato original de Portugal, o qual narra as aventuras do cavaleiro andante *Dom Quixote de La Mancha* e seu fiel escudeiro *Sancho Pança*, o qual é apresentado a seguir:

(...) Dona Benta começou a ler. - Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos de lança em cabido, adarga antiga e galgo corredor. - Ché! – exclamou Emília. Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. Lança em cabido, adarga antiga, galgo corredor... Não entendo estas viscondadas, não... (p. 11) (LOBATO, 1957, apud, LAJOLO, 2000, p. 98).

*Dona Benta*, ao notar as queixas de seus ouvintes e na tentativa de não perder seu público, desenvolve outra estratégia. O que podemos observar no trecho seguinte:

(...) esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler, vou contar a história com palavras minhas. - Isso! – berrou Emília. Com palavras suas e de tia Nastácia, e minhas também – e de Narizinho – e de Pedrinho – e de Rabicó. Os

viscondes que falem arrevezado lá entre eles. Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido (p. 12) (LOBATO, 1957, apud, LAJOLO, 2000, p. 98).

Ao trazer a personagem *Dona Benta* como uma leitora madura, competente e com experiência suficiente para detectar o desejo de seus ouvintes e relacionar às tramas ao cotidiano deles, criava-se um vínculo, ao mesmo tempo, *distante*, pois a personagem não estava presente fisicamente e, *próximo*, pois a forma como as palavras são colocadas no texto ganham vida, como se saltassem das páginas, personificando a figura da avó que conta histórias. Desse modo fica evidente a preocupação de Lobato em transmitir em seus textos uma linguagem que seja acessível e de fácil entendimento aos seus leitores, visto que, até então, os livros produzidos não se destinavam ao público infantil. Na obra de Lobato, meninos, meninas, o leitor em geral passam a ter *vez e voz*, ou seja, os ouvintes, os interlocutores dão voz ao texto, atribuindo-lhe significados.

Tais características apontadas pelo autor no decorrer de seus textos, enriquecem e incrementam as tramas, proporcionando coloridos às palavras utilizadas, imprimindo em sua *performance* originalidade, confirmando, assim, seu estilo pessoal, o que fica comprovado no trecho: “- Num ápice estava no ponto de onde vinham os gritos. Que vê lá? Um menino, assim um pouco maior do que Pedrinho, amarrado a um tronco de árvore e a receber uma tremenda sova de correia” (p.28) (LOBATO, 1957, apud, LAJOLO, 2000, p. 98)

O hibridismo presente na obra de Lobato, - obra essa que se relaciona abertamente com outras expressões artísticas -, a preocupação com a linguagem e sua contextualização, o estímulo ao imaginário e a leitura e sua vivacidade criadora de vínculos fazem com que as personagens Lobatianas possuam características que se relacionam diretamente com o ato de contar histórias, em especial *Dona Benta*, como já citada anteriormente e, *Tia Nastácia*. Na maioria das histórias do *Sítio* é por intermédio dessas duas personagens que as narrativas eram contadas e chegavam aos ouvidos da população do sítio.

A regionalidade, contida na voz de *Tia Nastácia* e, a norma culta, impressa na fala de *Dona Benta*, fazem com que a primeira retrate o contador tradicional, com raízes fundadas no oral, enquanto a segunda personifica o contador contemporâneo, que além de trazer em sua essência vestígios orais, - pois, como vimos anteriormente, à medida que esses interlocutores não entendem o que está escrito no livro, *Benta* conta com suas palavras a mesma história, valendo-se da memória - possui conhecimento da leitura e da escrita. “O contador moderno assume então duas

posturas: a épica, em relação ao público, e a dramática, em relação à história que conta, quando faz as vozes de personagens, gestos, movimentos” (SISTO, 2001, p. 47).

#### *PERFORMANCE* DOCENTE: DO ENFADONHO AO PRAZEROSO

Tais evidências apontadas por nós até o momento neste artigo nos trazem à memória as narrações de histórias feitas pela docente Laura<sup>4</sup> que foi observada durante um mês no trabalho de campo da pesquisa intitulada “A Hora do Conto no Cotidiano Escolar: reflexões sobre o ler e o contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais”, defendida em agosto de 2014 pelo Programa de Pós-graduação da FCT/Unesp, campus de Presidente Prudente.

Quando chegamos à sala de aula de Laura para as observações, a professora nos recebeu com simpatia, porém, era nítido em seu olhar que estava insegura com nossa presença em seu espaço. Cabe destacar que, em todos os dias de observação, Laura sempre utilizou a técnica da leitura em voz alta com o auxílio do livro.

No decorrer do trabalho de campo e na realização de suas *performances*, percebemos que seus gestos, bem como sua expressão corporal, eram pouco utilizados e, quando esses aconteciam, apareciam de maneira rígida, engessada, não havendo liberdade em seus movimentos. Enquanto lia, sua fala permanecia linear do começo ao término da narrativa, com poucas variações de voz, as nuances e as entonações mais precisas eram praticamente nulas. Em virtude disso, as crianças facilmente sedispersavam, fazendo com que, em muitos momentos, Laura interrompesse abruptamente a narrativa, chamando a atenção dos alunos e anotando seus nomes na lousa.

Ao mostrar as ilustrações contidas nos livros, a educadora percorria somente o espaço pertencente à frente da lousa, ou seja, não se deslocava entre os corredores em que estavam dispostas as fileiras de carteiras. Desse modo, a visualização das imagens por parte dos alunos ficava comprometida e não contemplava a sala toda. O distanciamento entre professora e alunos tornava-se evidente a cada virar de páginas. Poucas vezes, a docente buscou a atenção das crianças, direcionando-as para o contexto da narrativa. Seu olhar estava sempre aprisionado ao livro, não estabelecendo vínculo com quem a escutava. Assim, tornava-se evidente um distanciamento entre o livro, a história narrada e o ouvinte e, dessa maneira, o último pode não estabelecer umarelacão com os demais elementos dessa leitura em voz alta.

Uma vez ou outra, quando acontecia de Laura olhar para as crianças durante a história, o fazia de modo a repreender os alunos que causavam tumulto e chamá-los

a atenção. A falta de controle durante a leitura e a não exploração da narrativa em sua totalidade, evidenciavam que a professora não havia se preparado anteriormente para a concretização de tal tarefa.

Entretanto, em um dos dias observados, Laura nos surpreendeu com uma de suas práticas. A docente que, até então, pouco se divertia com as tramas e mostrava-se insegura e preocupada com nossa presença em sala de aula, buscando por diversas vezes nosso olhar de aprovação, nesse dia, estava mais à vontade com a história escolhida. A narrativa em questão tratava-se de *Pandolfo Bereba*, da escritora Eva Furnari (2010). Na trama de Furnari, *Pandolfo Bereba* era um príncipe diferente de todos os outros. Segundo a autora (2010), todos esperam que os príncipes sejam lindos, encantadores e perfeitos, porém, *Pandolfo* não possuía nenhuma dessas qualidades. Não era lindo, nem encantador e muito menos perfeito, porém, queria que os outros fossem, e isso acabava sendo uma tremenda injustiça, que durou até o dia em que algo inusitado aconteceu em sua vida.

Ao revelar aos alunos qual seria a história do dia, Laura informou que o livro escolhido para a leitura em voz alta foi escrito por uma autora que ela admirava muito, sendo a trama, uma de suas preferidas. Por se tratar de uma narrativa de gosto pessoal, a docente chegou a mencionar que havia lido o livro por mais de 100 vezes. Segundo a professora, em toda sala em que deu aula, falou ter feito a leitura do livro. Além disso, salientou, que *“Em 2008, quando comecei a dar aula nesta escola, na turma do 4º ano, eu fiz um teatro com esta história”*. Laura explicou ainda, que faria a leitura até a metade e depois continuaria a narrativa na próxima quinta-feira, após o feriado, *“Eu sei que vocês vão ficar curiosos, mas eu só vou terminar na quinta”*. Nesse momento, algumas crianças presentes expressaram um sonoro *“Eita!”*.

Ao mostrar a capa do livro, comunicando o título e o nome da autora, Laura questionou os alunos: *“Pela capa do livro, vendo a capa do livro, do que será que fala a história? Quem é o Pandolfo Bereba?”*. De forma organizada, algo que não aconteceu em observações anteriores, a docente conduziu e escutou a resposta das crianças, dando atenção e voz a elas. A professora pediu para que levantassem a mão, aqueles que quisessem se pronunciar. Assim, as crianças, ordenadamente emitiram sua opinião. Laura, por sua vez, levou em consideração todas as respostas, tentando contextualizá-las e inseri-las ao tema do livro. As interações com o livro foram as mais variadas: *“É um cavaleiro”*; *“É um palhaço”*; *“É um rei palhaço”*; *“Eu acho que vai ser uma história muito engraçada, por que o personagem tem o rosto engraçado”*.

A docente iniciou a leitura. Ficou-nos claro que ela estava muito à vontade. Vínculos positivos entre narrador e ouvinte foram estabelecidos. As entonações propostas pela professora, bem como sua expressão facial foram muito pertinentes e

condizentes com o texto. Os gestos e os movimentos estavam mais livres e suaves. Em determinados momentos, e pela narrativa ser-lhe familiar, contou o enredo valendo-se da memória, sem precisar voltar-se ao livro para ler o que estava escrito.

Por estar à vontade, a docente vivenciou todas as situações propostas pelo texto, divertindo-se e divertindo os alunos, seus ouvintes, que participaram ativamente, interagiram e prestaram atenção do começo ao fim da narrativa. Não houve dispersão por parte deles e, pelos olhares e expressões manifestados por eles, ficou nítido que acreditaram naquilo que a docente contou. Em determinada página, em que o personagem-título está à procura de uma namorada, a professora interrompeu a leitura. As crianças se manifestaram com “*Ahhh!*”. Laura guardou o livro e, como de costume, iniciou a escrita do cabeçalho na lousa, dando continuidade a sua aula.

Casos como os de Laura só evidenciam que, para cada história a ser contada é necessário um planejamento anterior. É preciso que haja uma identificação com o texto narrado e isso só é possível a partir do estudo. Assim, a partir de um planejamento, fica mais fácil escolher a técnica para contação da história, quais os acessórios necessários, as ênfases e entonações a serem dadas ao texto. Os ouvintes precisam acreditar que o narrador vivenciou ou vivencia aquilo que se conta. E esse sentimento, só é possível a partir do planejamento, do estudo do texto e da *performance*.

Em acréscimo ao exposto, Girardello e Silva, 2016, afirmam que,

Dentre todos os ingredientes que constituem o fazer da narração oral, a voz é evidentemente essencial. É a partir dela que as imagens mentais são criadas e vínculos afetivos estabelecidos. Como disse certa vez a estudiosa argentina Dora Pastoriza Etchebarne, mulher das cavernas que embalava o bebê no colo ao ritmo cadenciado de seu murmúrio (*mmm - mmm - mmm*) já conhecia o poder da voz humana de criar o laço afetivo entre as pessoas, um poder mesmo anterior à emergência das palavras. É desse acalanto primordialmente afetivo e corporal que vem a narração oral. A mesma autora enfatiza a primazia da palavra e da voz na sugestão dos mundos imaginários nesse contexto: “a voz é a única ilustração que exigimos ao narrador. Mediante a palavra, como se se apoiasse no ar, ele irá ‘desenhando’ seu conto” (Etchebarne 1991, p. 11). (p. 143-144).

Precursora de diversas formas de arte, a voz humana quando utilizada em todo o seu potencial, aproxima, aconchega, estabelece vínculo, fazendo-nos embarcar por mundos nunca antes visitados e inatingíveis a olho nu. Por que é agradável de ouvir? Porque há o ritual, o humor, o encantamento, a comunhão com o sagrado e com nossa essência. De acordo com Zumthor (2000),

Eu gostaria de enfatizar o fato de que, dentro da existência de uma sociedade humana, a voz é verdadeiramente um objeto central, um poder, representa um conjunto de valores que não são comparáveis verdadeiramente a nenhum outro, valores fundadores de uma cultura, criadores de inumeráveis formas de arte. (p. 61).

Segundo Girardello e Silva (2016), no que diz respeito a contar histórias para crianças pequenas,

A voz é nossa parceira no jogo do contar, no processo de brincar com as palavras que é parte tão importante do prazer estético de contar e ouvir histórias, particularmente com crianças. Desde que nosso foco maior esteja no sentido da história, vale experimentar com ritmos, repetições, cantarolar os refrãos, explorar a sonoridade dos trava-línguas, exagerar na fricção das consoantes, alongar melodicamente as vogais, saborear os efeitos-surpresa da combinação lúdica entre palavras, estalidos, olhares, gestos e todo o repertório expressivo de nosso corpo e de nossa memória afetivo-cultural. (p. 146).

Não é à toa que nossos antepassados de tradição oral acreditavam no poder das palavras que quando evocadas causavam naqueles que a escutavam as mais diversas sensações. Pois, falar vai muito mais além do que soletrar palavras ou passar alguma informação, como mencionado anteriormente, há a comunhão com o sagrado, com o ritual, com a magia. “[...] em virtude dessa relação que se tem com a palavra, nas sociedades africanas a mentira é considerada uma lepra moral. Quem falta com a palavra rompe com a unidade sagrada, reflexo da unidade cósmica, criando assim a desarmonia em si e em torno de si” (MATOS, 2005, p. 13).

Desse modo, inúmeros contos foram repassados de geração a geração perpetuando a história, costumes, valores e organização de todo um povo. Segundo o griot (contador de histórias africano) Hassane Kouyaté, “dizemos que as palavras que vêm da boca tocam as orelhas. E as palavras que vêm do coração tocam o coração. A palavra pertence metade àquele que fala e metade àquele que a escuta. Um vai de encontro ao outro e assim se faz a palavra” (Kouyaté, palestra, 2010)<sup>5</sup>.

Não basta ir muito longe, para logo nos depararmos com alguém que diga “cuidado ao pronunciar isto, as palavras têm poder” ou “fale coisas positivas, elas trarão coisas especiais a você”, ainda, “te dou minha palavra”, simbolizando que um acordo está firmado, não sendo necessário algo escrito para confirmar sua existência. Quem nunca ouviu o célebre ditado: “as palavras promovem tanto a paz quanto a guerra”? A fala rege o pensamento, o conhecimento, o comportamento e a imaginação dos sujeitos. Somos feitos de palavras, de fragmentos de palavras de outros, isso é fato, não há como negar.

## PARA NÃO SER ESQUECIDO

Os apontamentos e reflexões feitos no decorrer deste estudo, nos fazem retomar o conto inicial para estabelecermos nossas conclusões. Talvez a falta de uma proximidade maior entre o rei e os seus súditos e de um planejamento anterior, seja o que tenha faltado na *performance* do monarca. Pela narrativa, podemos inferir que os contadores de histórias conheciam muito bem seus ouvintes e por isso faziam sucesso entre a população.

Por ser um tanto quanto autoritário e não saber como utilizar técnicas ou até mesmo a voz ao seu bel prazer, quando falava, a entonação contida na fala do rei fazia com que ao invés de aproximar, houvesse um distanciamento entre narrador e ouvintes. Desta forma, não permitia que um vínculo positivo entre ambos fosse criado.

No caso de Laura, os problemas evidenciados em sua *performance*, em um primeiro momento eram muito mais objetivos do que em relação a possuir ou não um dom, pois parece-nos que não havia um planejamento, um estudo ou até mesmo uma familiaridade com os textos escolhidos em nossas primeiras observações. Quando a professora se planejou anteriormente, escolhendo uma narrativa que já conhecia e, que segundo ela, gostava muito, fazendo-a se sentir familiarizada, a relação contador/ouvinte/*performance* se transforma. Laura deu valor ao texto, indagou seus ouvintes fazendo-os inferir sobre o que ouviriam, contextualizou a narrativa com seus alunos, permitindo que os mesmos participassem ativamente de tudo o que era proposto pelo texto, dando a eles uma voz.

A rispidez, a irritação e o nervosismo aparentes em outro momento, cederam lugar a uma Laura sorridente e doce que encantou e divertiu a todos com suas palavras. Palavras essas dotadas de intenções, proferidas com nuances, variações e entonações bem precisas. A relação entre ela e as crianças naquele momento era de afeto, de vínculo. A docente finalmente havia encontrado o fio que lhe apontava a direção para a descoberta da contadora interna, existente em seu íntimo e que até então estava adormecida.

A postura da docente permitiu um diálogo com as crianças, informando-as que a história estava prestes a começar. E os alunos entenderam. Naquele momento, a figura da professora, que passa lição todos os dias, acabou sendo substituída pela contadora, determinada a encantar e envolver a todos com sua *performance*. Seu olhar convidou os alunos a ouvir. A energia evocada pelo seu corpo embalou e poetizou as palavras que chegaram aos ouvidos mais atentos. A narrativa passou de signo a significado em segundos, evidenciando a familiaridade de Laura com a trama proposta. Isso comprovou que a docente havia estudado e planejado aquele momento, aquelas

atividades.

A função do livro também mudou, pois Laura, planejada, pode soltar o livro, abandonar a leitura em voz alta e aderiu com segurança, a *performance* da história. Assim, o livro, por sua vez, acabou sendo utilizado apenas como complemento visual, pois a docente o utilizou para mostrar as ilustrações das personagens e das cenas aos alunos. Nessa nova configuração do ato de narrar, a professora mostrou as imagens do livro para todas as crianças, percorrendo a sala de aula, as carteiras e permitindo que todos visualizassem a narrativa. Nesse contexto, os alunos não dispersaram em nenhum momento, pelo contrário estavam imersos ao *corpus* da trama, que o tempo todo foi restaurado e alimentado pela vivacidade de Laura. Desse modo, seu estilo pessoal e sua originalidade, começaram a se tornar evidentes, imprimindo em sua narração suas próprias particularidades.

Diante do exposto, vimos que narrar e encantar é possível. Por isso, temos que estar atentos ao que querem e desejam os professores, que muitas vezes, assim como o rei da história, querem coisas imediatas, receitas para fazer isso ou aquilo, dizem não terem tempo e não querem ler. Nesse momento, é muito importante discutir os objetivos da contação de histórias em sala de aula e evidenciar que todo sucesso de uma atividade assim está no planejamento e na clareza de sua função.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCT) e graduada em Pedagogia pela mesma instituição. É atriz, arte-educadora, contadora de histórias, diretora de espetáculos e professora de teatro. E-mail para contato: [valeriasantosarte@gmail.com](mailto:valeriasantosarte@gmail.com)

<sup>2</sup> Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista. Pós-doutorado em Literatura e Ensino pela University of British Columbia (2001) e Ohio State University (2005 e 2012). Coordenadora do Centro de estudos em leitura e literatura infantil e juvenil “Maria Betty Coelho Silva” - CELLIJ. Atualmente é docente do Programa de pós-graduação em Educação da UNESP de Presidente Prudente. E-mail para contato: [recellij@gmail.com](mailto:recellij@gmail.com)

<sup>3</sup>Conto presente no livro “O ofício do contador de histórias” de Gislayne Avelar Matos e InnoSorsy de 2007. Na ocasião, as autoras não mencionam a origem da narrativa e nem o seu autor. Neste artigo fizemos uma releitura do conto que é encontrado no livro.

<sup>4</sup> No intuito de preservar a privacidade da docente participante da pesquisa, utilizamos um nome fictício para nos referir a ela.

<sup>5</sup> Palestra proferida evento “Boca do Céu” – Encontro Internacional de Contadores de Histórias, realizado na cidade de São Paulo, no ano de 2010.

## REFERÊNCIAS

FURNARI, Eva. *Pandolfo Bereba*. Ilustrações da autora. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção avesso da gente).

GIRARDELLO, Gilka; SILVA, Valéria Santos da. O mel do acalanto e o trovão do espanto: a voz no contar histórias. In: *Literatura e Educação Infantil: para ler, contar e encantar*, vol.2. GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de (Orgs.). São Paulo: Editora Mercado de Letras, 2016. (Série Literatura, Leitura e Educação Infantil).

LAJOLO, Marisa. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura de mundo*. São Paulo: Ática, 2000.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Valéria Santos da. *A Hora do Conto no cotidiano escolar: reflexões sobre o ler e o contar na rotina de duas professoras dos anos iniciais*. Dissertação de mestrado, UNESP, São Paulo, 2014.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.